

## **PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ACEITAÇÃO E RECEIO DOS FAMILIARES QUE VIVENCIAM ESSA EXPERIÊNCIA**

Josiane Peres Gonçalves<sup>1</sup>, Zenaide Ribeiro Neto Capristo<sup>2</sup>, Verônica Caroline de Matos Ferreira<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Tendo em vista que na maioria das escolas não existem professores homens na educação infantil, surgiu o interesse em realizar uma pesquisa em alguns municípios do Estado de Mato Grosso do Sul que tem esses profissionais trabalhando com crianças, para investigar as representações sociais desses familiares sobre o trabalho desenvolvido pelos docentes do gênero masculino com crianças. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada, mediante gravação de entrevistas semiestruturadas, com 11 familiares, em quatro diferentes municípios. Os resultados demonstram que as representações sociais predominantes são de que as mulheres têm maiores habilidades para trabalhar com crianças e os homens impõem mais respeito; existe a preocupação com a questão da higiene pessoal dos alunos, principalmente se for para o professor dar banho ou trocar as meninas; para alguns entrevistados o importante não é o gênero dos docentes e sim a competência para desenvolver o trabalho com qualidade.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, professores homens, Representações Sociais.

## **TEACHERS MEN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: ACCEPTANCE AND FEAR OF FAMILY WHO EXPERIENCE THIS EXPERIENCE**

### **ABSTRACT**

Given that in most schools there are no male teachers in early childhood education, became interested in performing research in some municipalities in the state of Mato

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus de Naviraí (UFMS/CPNV). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). E-mail: josianeperes7@hotmail.com

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da UFMS/CPNV. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC UFMS. E-mail: zenaide.ribeiro.capristo@hotmail.com

<sup>3</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da UFMS/CPNV. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC CNPq. E-mail: veronicacarolineferrero@gmail.com

**Agência de Fomento:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Grosso do Sul that has these professionals working with children, to investigate the social representations of these families on the work done by male teachers with children. The qualitative research was carried out by recording semi-structured interviews with 11 families in four different municipalities. The results show that the predominant social representations are that women have greater skills to work with children and men impose more respect; there is concern about the issue of personal hygiene of the students, especially if it is for the teacher to bathe or change the girls; for some respondents the important thing is not the gender of teachers but the competence to carry out the work with quality.

**Keywords:** Childhood education, teachers men, Social Representations.

## INTRODUÇÃO

Historicamente homens e mulheres desempenharam papéis sociais distintos, por se entender que a mulher deveria se encarregar das tarefas domésticas e educação dos filhos, enquanto os homens deveriam trabalhar para prover o sustento da família. Contudo, as representações sociais quanto ao papel da mulher e do homem na sociedade têm sido revolucionadas. Atualmente as mulheres executam papéis antes atribuídos aos homens, exercendo os mais diversos tipos de trabalho e da mesma forma, os homens também desempenham atividades que já foram consideradas femininas como, por exemplo, as tarefas domésticas e educação dos filhos.

No entanto, na área da educação não é isso que tem ocorrido, especialmente no âmbito da educação infantil, uma vez que praticamente não existem homens professores trabalhando com crianças. Alguns estudos recentes, como Monteiro e Altamann (2014), Gonçalves e Faria (2014), Gonçalves e Antunes (2015), têm demonstrado que é pouco comum a existência de docentes do gênero masculino na educação infantil, surgindo o interesse de melhor entender como tem acontecido essa prática em locais em que há a presença de homens professores. Será que a instituição de educação infantil tem tido problemas por ter professores homens? E a comunidade escolar, mais especificamente os familiares das crianças, será que concordam com o trabalho desenvolvido pelo professor? Quais as representações sociais predominantes das famílias que convivem com essa realidade?

Diante de tais indagações é que surgiu o interesse em desenvolver a pesquisa “Representações Sociais de Famílias, Gestores e Docentes do Gênero Masculino do Estado de Mato Grosso do Sul Sobre a Atuação de Homens Professores Com Crianças”. Primeiramente foram feitos contatos por telefone de em seguida os integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE) selecionaram quatro municípios do Estado de Mato Grosso do Sul para realizar a coleta de dados. Embora tenham sido entrevistados vários grupos de sujeitos que compõe a comunidade escolar, no presente estudo foram priorizados os relatos dos familiares das crianças que estudam na educação infantil, buscando identificar as representações sociais predominantes.

É importante destacar que, conforme Gonçalves e Antunes (2015), embora havendo a discussão sobre o processo de feminização do magistério, ou como relata Monteiro e Altamann (2013, p 01) a “desmasculinização do magistério”, no caso da educação infantil não foi isso que aconteceu. Duas vertentes permearam esta etapa da educação no Brasil, conforme Gonçalves e Antunes (2015): uma educativa, idealizada por Froebel, denominada de Jardim da Infância, mais direcionada às crianças de classes elevadas; outra assistencialista, chamada de creche, tendo a pretensão apenas de cuidar das crianças, sem a intenção de educá-las, direcionada às crianças de classes populares. Em ambos os casos, quem esteve à frente trabalhando com as crianças eram apenas mulheres, historicamente nunca houve relatos de haver muitos homens trabalhando com alunos pré-escolares. Também Rosemberg (1999) analisa essa mesma questão e afirma:

A educação infantil - tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola - é uma atividade historicamente vinculada à “produção humana” e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-da-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período (ROSEMBERG, 1999, p. 11).

Considerando que na educação infantil sempre teve mulheres professoras, é possível afirmar que entrada de homens e a aceitação por parte da comunidade escolar, podem ser consideradas difíceis, especialmente devido às representações sociais predominantes, de que a mulher é que tem maiores habilidades para lidar com as

crianças. Para Louro (2012, p. 448), “[...] a mulher, ao atuar como professora tem sua função relacionada ao cuidado e ao apoio maternal, o que contribuiu para a feminização do magistério”. A referida autora ainda acrescenta:

Afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e “naturais educadoras”. Portanto nada mais adequado do que lhes confiar à educação dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, uma “extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como filho ou filha “espiritual” (LOURO, 2012, p. 450).

Essa associação entre as habilidades maternas com as funções educativas escolares foi construída ao longo do tempo, sendo caracterizadas como representações sociais. Segundo Moscovici (2012), considerado pai da teoria, as representações sociais são entendidas como teorias coletivas que servem como base para interpretar e intervir na realidade, as quais funcionam como formas de conhecimento que servem como instrumentos para responder aos problemas do cotidiano.

[...] se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo” (MOSCOVICI, 2003, p.49).

Uma das principais colaboradoras de Moscovici foi Jodelet, que afirma ser, as representações sociais, formas de conhecimentos elaborados pela sociedade, que são compartilhados entre as pessoas, e tem um objetivo prático, caracterizado pela construção de uma realidade comum a um grupo social (JODELET, 2011).

Depois de as representações sociais serem construídas e internalizadas, torna-se difícil a pessoa agir de maneira diferente, porque sofrerá cobranças por parte das outras pessoas que compõe o seu círculo de convivência social. Nesse sentido, Gonçalves (2010, p. 46-47) sugere:

Os padrões de comportamento predominantes de uma cultura não são, portanto, naturais, e sim construídos socialmente, seguindo modelos que atendem aos interesses de determinados grupos da mesma

sociedade. Como estes padrões são aceitos como verdadeiros, as pessoas que agem de maneira contrária são vistas como incorretas por infringirem as normas aceitas pela cultura na qual estão inseridas. Muitas vezes essas pessoas sofrem consequências e, para evitá-las, voltam a agir conforme as normas estabelecidas.

Diante desses pressupostos, de que as representações sociais interferem no comportamento das pessoas e de que há poucos professores homens trabalhando com turmas de educação infantil, o presente estudo busca investigar as representações sociais das famílias de crianças na faixa etária de 0 a 5 anos alunos (as) de professores homens, matriculadas na rede de Ensino Infantil no Estado de Mato Grosso do Sul, sobre a atuação de professores do sexo masculino nesta faixa de ensino.

## METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa. De acordo com Araujo (2009, p. 384), “O enfoque investigativo da tendência qualitativa tem como preocupação a compreensão do fenômeno investigado, a descrição do objeto de estudo, a interpretação de seus valores e relações”. Assim, é importante que não haja dissociação entre o pensamento do pesquisador ao do pesquisado, porque tanto um quanto o outro são sujeitos ativos no processo de investigação científica.

Essa característica ativa dos envolvidos no processo se concretiza mediante o instrumento de pesquisa utilizado, como a gravação de entrevistas com os participantes da pesquisa. Segundo Belei, et. al. (2008), existem três tipos de entrevistas: estruturada, que contém perguntas fechadas, semelhantes a formulários, sem apresentar flexibilidade; semiestruturada que é direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas; não-estruturada, que oferece ampla liberdade na formulação de perguntas e na intervenção da fala do entrevistado.

Para a realização da coleta de dados, a opção foi realizar entrevistas semiestruturadas, uma vez que é “[...] guiada pelo roteiro de questões, o qual permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado” (BELEI, et. al, 2008, p. 189). As autoras ainda afirma que para a elaboração e adequação do roteiro de entrevista, considera-se tanto a vivência do pesquisador, quanto a literatura sobre o tema em estudo. Seguindo esses princípios, durante as reuniões semanais do GEPDGE, em que

eram feitos estudos teóricos e encaminhamentos para a pesquisa de campo, foi elaborado coletivamente um roteiro para a realização das entrevistas semiestruturadas, com os familiares de crianças de educação infantil.

A escolha dos participantes da pesquisa se deu por etapas, uma vez que primeiramente foram feitos contatos via telefone com as secretarias de educação de todas as cidades do estado de Mato Grosso do Sul, para identificar em quais municípios havia professores do gênero masculino trabalhando como docentes em turmas de educação infantil. Após o grupo de pesquisa selecionou quatro município de diferentes regiões do Estado, sendo: Campo Grande, Corumbá, Itaquiraí e Tacuru.

Posteriormente foram agendadas visitas a estes municípios e nas instituições de educação infantil que tinham professores homens, foram entrevistados alguns familiares, conforme evidenciado no Quadro 1.

**QUADRO 1** – Perfil dos Familiares Entrevistados.

Participantes da Pesquisa e Município	Relação Parental com a criança e configuração familiar (quem mora na mesma casa)	Idade em anos	Escolaridade Profissão (do responsável)	Sexo da criança	Idade da criança	Etapa da Educação Infantil, que a criança se encontra
AVÔ A Campo Grande	- Avô	51	-Fundamental incompleto	Menina	4 anos	Jardim II
	- Avô e neta.		- Gerente de supermercado			
AVÔ B Campo Grande	- Avô	57	- Cursando nível superior	Menino	4 anos	Jardim II
	- Avô e neto.		- Militar aposentado			
MÃE A Campo Grande	- Mãe	37	- Superior completo	Menino	5 anos	Jardim I
	- Pai, mãe e dois filhos.		- Tutora de curso			
MÃE B Campo Grande	- Mãe	Não declarado	- Fundamental incompleto	Menino	5 anos	Jardim II
	- Pai, mãe e dois filhos.		- Do lar e diarista			
MÃE C Corumbá	- Mãe	Não declarado	- Ensino Médio completo	Menino	3 anos	Maternal
	- Pai, mãe, duas filhas e uma enteada.		- Não foi dita qual é sua profissão			
MÃE D Itaquiraí	- Mãe	34	- Fundamental incompleto	Menina	3 anos	Jardim II
	- Mãe, padrasto e três filhos.		- Zeladora de garagem			
MÃE E Tacuru	- Mãe	32	- Ensino Médio incompleto	Menino	5 anos	Jardim II
	- Pai, mãe e dois filhos.		- Zeladora			

<b>PAI A</b> Campo Grande	- Pai	Não declarado	- Ensino Médio completo	Menino	5 anos	Jardim II
	- Pai, esposa e dois filhos.		- Técnico em telecomunicações			
<b>PAI B</b> Itaquiraí	- Pai	25	- Fundamental incompleto	Menino	4 anos	Jardim II
	- Pai, mãe e filho.		- Vendedor			
<b>PAI C</b> Itaquiraí	- Pai	36	- Fundamental incompleto	Menino	4 anos	Jardim II
	- Pai, mãe e cinco filhos.		- Fundidor			
<b>TIA A</b> Corumbá	- Tia	30	- Ensino Médio completo	Menino	3 anos	Maternal
	- Avô, mãe, tia, tio, criança e irmãos da criança.		- Agente de saúde			

**Fonte:** Autoras (2015).

É importante destacar que a indicação dos participantes da pesquisa foi feita pelas gestoras das instituições de educação infantil, que convidavam antecipadamente alguns familiares para comparecer no dia agendado para a realização da coleta de dados. Em outras situações, as entrevistas eram gravadas no início ou final do período de aula, quando os familiares iam levar ou buscar as crianças na escola.

Em média procurou-se gravar pelo menos duas entrevistas em cada um dos municípios, totalizando ao final do processo 11 (onze) participantes, sendo 5 (cinco) homens e 6 (seis) mulheres. E apesar de haver a predominância de mães investigadas, houve também casos de pai, avô e até tia que participaram da pesquisa evidenciando as novas configurações de família que existe na atualidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à opinião dos familiares sobre o professor homem que trabalha com as crianças, a maioria dos participantes da pesquisa respondeu que não há problemas, que os docentes realizam um bom trabalho e que estão satisfeitos com a atuação do professor do gênero masculino. Alguns entrevistados assim relataram:

Ah, eu gostei hein, porque nos primeiros dois anos com outra professora, ele passou o ano todinho chorando não querendo vir pra escola, assim porque eu acho que é homem, acho homem, com homem se entende né, [...] esse ano ele não chorou. [...] Então eu gostei muito, foi um desenvolvimento (MÃE A)

Pra mim num mudou muito não, não muda muito não, não fez diferença não... Que ele é exclusivo, só tem ele aqui né. Aí a gente assim..., que as vezes a mulher é mais calma (AVÔ A).

Normal. Bom né [...] É porque... acho que o professor, os meninos respeitam mais do que as professoras né.[...] Sempre tem voz mais... é que o professor homem chega mais fácil (PAI C).

Percebe-se que alguns familiares, ao comentar sobre os professores homens, estabelecem relações com as professoras mulheres, para evidenciar que preferem o docente do gênero masculino (MÃE A), ou que embora afirmando que não percebe diferença entre os sexos, acredita que a mulher é mais calma para trabalhar com crianças (AVÔ A). Se por um lado a mulher é vista como “mais calma”, por outro, o professor homem é visto como aquele que impõe mais respeito, especialmente pelo tom de voz, como foi relatado pelo (PAI C). Tais opiniões evidenciam as representações sociais relativas a gênero, uma vez que, de acordo com Scott (1995), gênero é compreendido pela diversidade sexual entre homem e mulher, é a maneira que a sociedade de uma dada cultura constitui uma analogia a homens e mulheres.

Devido a esse processo de construção social, os diversos contextos culturais passaram a identificar algumas funções que devem ser atribuídas a homens ou mulheres. É comum, por exemplo, que uma atividade simples do cotidiano seja entendida pelos representantes de uma mesma sociedade como adequada para apenas um dos sexos, mesmo não havendo leis oficiais que direcionam esses comportamentos. É o que tem acontecido com o trabalho desenvolvido em turmas de educação infantil, em que normalmente a comunidade escolar acredita que os cuidados relativos à higiene física das crianças devem ser realizados apenas pelas mulheres. Onde está escrito que um homem não pode dar banho ou trocar uma criança? E se um docente do gênero masculino fizer isso, qual a reação dos familiares? O relato da Mãe D demonstra o estranhamento sentido por ela, diante dessa possibilidade:

Esses dias atrás eu tive assim uma certa dúvida, né. Porque teve uma pessoa que veio substituir. Aí ela chegou em casa falando que era o tio, entendeu? Aí eu fiquei meio assim... Aí vim e conversei com a coordenadora, né. Então, no primeiro momento aconteceu assim [...] ela vem com uma roupinha, né. E daí ela chegou em casa com uma outra. E aí ela falou assim: “O tio trocou minha blusa”. Eu falei assim: “O tio não!”, aí ela falou assim: “É tio sim, mãe!” Aí eu peguei falei pra ela assim: “Mas o tio não dá aula pra você”. Aí ela pegou e falou assim: “Foi o tio sim”. Aí vim, conversei com a coordenadora e

ela me explicou qual era o caso. [...] Só que eles são pequeninhos, né? Não discriminando, nem nada... (MÃE D).

Considerando que na educação infantil predomina o binômio cuidar e educar (AYACHE, 2006; TIRIBA, 2005), em muitas situações é necessário que os docentes atendam as necessidades de higiene pessoal das crianças, como banho e troca de roupa, por exemplo. Independentemente se o professor é homem ou mulher, essa é uma tarefa que deve ser desempenhada pelos profissionais que atuam na educação infantil. No entanto, alguns estudos como Gonçalves e Farias (2014), Gonçalves et. al. (2015), Gonçalves e Antunes (2015) revelam que uma das maiores preocupações de pais, gestores escolares e até dos próprios professores homens, é em relação ao contato físico do docente do gênero masculino com o corpo da criança.

Outros participantes do presente estudo também demonstraram preocupações semelhantes referentes ao trabalho de homens como professores de crianças, conforme os seguintes relatos:

Mas hoje o mundo tá tão assim mudado, que eu já não,..de certa forma eu não concordaria. Mas todo mundo tem seu direito, né. Eu acho que na salinha deveria ter uma monitora feminina acompanhando todo o processo [...] porque... que nem, eles são pequeninhos e tem uma hora que eles tem que ir no banheiro. Se é menina, o professor não vai tá indo levar no banheiro. Outra hora tem a roupinha né, a questão da roupinha, às vezes suja tem que trocar! Eu acho que também não fica legal, né (MÃE D).

Na verdade eu não tive nenhuma relação porque pra mim, hum é uma coisa normal. Pra mim é uma coisa normal. Mas primeiro eu achei estranho, eu achei estranho né. Pensei “Ué? Professor? Dando aula né? Pra criança, né?”. Achei que era uma coisa mas... Assim, conhecendo ele vi que é uma pessoa boa (TIA A).

É interessante notar que mesmo havendo receio da relação de professores homens com as crianças, a Mãe D reconhece que é um direito do homem ser professor, contudo ela só tem segurança se houver a presença da figura feminina trabalhando junto com o docente do gênero masculino, para acompanhar a criança na hora do banho ou de suas necessidades fisiológicas. No caso da Tia A, ao mesmo tempo em que afirma ser “normal” ter homens trabalhando com crianças, há a contrariedade de pensamentos, pois no primeiro momento houve o “estranhamento” inicial, demonstrando assim o seu conflito de ideias. Isso pode ter ocorrido, porque, segundo Lopes (2012), no que se

refere às questões de gênero, a sociedade encarregou às mulheres a função do educar e cuidar das crianças, sejam elas professoras, mães ou babás. Ainda na atualidade essa atribuição continua a ser mais direcionada ao público feminino, especialmente em turmas de educação infantil. Trata-se de representações sociais que fazem parte do contexto cultural e interfere no pensamento e atitudes das pessoas. Para Jodelet (2011), representações sociais referem-se ao conhecimento do senso comum que interfere no cotidiano, são sistemas de significações que permitem interpretar acontecimentos e relações sociais.

Alguns dos participantes da pesquisa, como o Pai A, Pai B, Mãe C e Mãe E, demonstraram não ter nenhum problema em ter os filhos estudando com docentes do gênero masculino. “Pra mim foi normal, tanto homem como mulher, eu não tenho nada contra, é normal [...] eu acho que sendo bom profissional, pode ser homem ou mulher, sendo bom... bom professor” (PAI A). Esse mesmo pai comentou que, como o filho dele estudava com um professor homem, ele acreditava que era algo comum, não percebia como exceção. “É, eu tô admirado assim, de ter muito pouco professor. Eu não sabia desse dado, eu achava que tinha mais professor” (PAI A). A admiração foi ainda maior ao saber que na realidade a instituição que o filho dele estudava era uma das poucas de todo o Estado de Mato Grosso do Sul a ter homens trabalhando como docente de crianças, a ponto de uma equipe de pesquisadores se deslocar até à capital do Estado para investigar uma situação que é pouco comum em instituições de educação infantil.

Outros familiares entrevistados, ao refletir sobre a experiência de ter professores homens trabalhando com as crianças, analisam a situação por outro ponto de vista, de uma forma mais positiva. Alguns acreditam que o professor tem que ter “dom” pra ensinar (MÃE B), ou que não importa o sexo e sim o profissionalismo (PAI A), ou até mesmo considerando o homem um melhor profissional do que as mulheres, devido ao seu pulso firme para manter a disciplina na sala (MÃE A).

A diferença é que ele trabalha com mulher porque a metodologia é a mesma, eu vejo que o carinho deles é o mesmo que as professoras, é desenvolve o trabalho também [...] Acho que ele trabalha, acho que as vezes ( risos) até melhor que a mulher, porque ele tem pulso firme com a criança, tem mulher que tem mais assim de mãezona, né e as vezes a criança precisa de um pouco de disciplina (MÃE A).

Ah, eu acho assim se o professor tem o dom de gostar de criança, de cuidar de criança, então acho que pra mim no meu ponto de vista eu

gostei muito, eu acho que não tem diferença não de professor e professora (MÃE B).

Olha minha opinião é o seguinte, tanto faz mulher ou homem, pra mim tem que exercer a sua função, se é profissional (PAI A).

Para Lopes (2012) as relações sociais na perspectiva de gênero evidenciam que o sexo masculino sofre pressão e cobranças diversas, tendo que controlar seus sentimentos, para demonstrar pulso firme, controle absoluto e manter o papel de provedor. Tais representações sociais de gênero influenciam também o espaço escolar, conforme relato da Mãe B.

Por outro lado, Rabello (2013) menciona que é comum as pessoas acreditarem que o homem professor não possui as características consideradas necessárias para a prática docente, por ser mandão, sem jeito e sem vocação. E Louro (2012) comenta sobre as habilidades femininas associadas à maternidade, que são vistas socialmente como importantes para trabalhar com crianças.

Tais representações sociais divergem da opinião de alguns entrevistados, uma vez que consideram mais importante a metodologia utilizada (MÃE A) e o exercício da profissão (PAI A) do que o sexo, ou se o professor é homem ou mulher. Trata-se de opiniões relevantes, por se entender que tendo passado por um processo de formação profissional, mediante o curso de licenciatura em Pedagogia, que possibilite o trabalho em turmas de educação infantil, tanto homens quanto mulheres podem exercer a profissão e trabalhar com crianças de 0 a 5 anos de idade. E a não aceitação de homens professores trabalhando nesta etapa da educação básica, pode ser considerada preconceituosa.

Ao serem questionados sobre a possibilidade de haver duas turmas do mesmo nível de ensino, uma sob o comando de professores homens e a outra sob o comando de professoras mulheres, se os familiares teriam preferência por uma das turmas, os entrevistados tiveram divergências de opiniões.

Não hoje não, hoje eu não acredito nisso aí não, num mudaria não, eu acho que não muda não. É igual eu falei, a mudança vem vindo já há tempo né, agora alguém vai ficar meio assim... “Um homem cuidando da minha fia mulher, no caso, entendeu?” Alguém vai questionar, não vais ser cem por cento, mas que dão preferência para uma professora, dão! Hoje dão preferência por uma professora, mas não muda muito não, dentro da sala não. Eu acho que não, o ensinamento é igual, né? (AVÔ A).

Olha, eu, como eu disse, não faria diferença nenhuma... Não escolheria a turma do professor ou a turma da professora. Mas, eu acredito que exista ainda preconceito em questão do professor homem aí, né. (AVÔ B).

É agora me pego hein? (Risos) Eu creio que sim... Pela segurança né? Porque hoje assim, a gente vê bastante coisa, a maioria dos casos tá acontecendo dentro da própria casa, né. Mas só que muita facilidade também, um acesso muito a homem, tá facilitando mais coisas [...] Eu creio que optaria pela turma das mulheres. Mulheres!!! (MÃE D).

Analisando as considerações acima, pode-se perceber que por mais evoluído que esteja se tornando o mundo, a presença masculina atuante na educação infantil gera um incômodo, principalmente com a presença da menina sendo instruída em sala de aula (AVÔ A). Também se constata que mesmo havendo algumas pessoas que não fazem distinção entre homens ou mulheres na educação infantil, há a predominância do preconceito na sociedade (AVÔ B), como fica evidente no relato de algumas pessoas pesquisadas que afirmaram preferir a segurança, talvez como forma de evitar a pedofilia, acreditando que o acesso do homem a criança já está muito fácil e favorecê-lo ainda mais causa insegurança (MÃE D).

De acordo com Rabelo (2013), geralmente se as características do homem são consideradas femininas, ele passa a ser visto como apto à docência por ter maiores habilidades para educar as crianças. Entretanto, se é muito rigoroso, característica essa considerada masculina, passa a não ser aceito, porque dispõe de um perfil não adequado ao exercício da profissão.

Em relação ao mesmo questionamento, se houvesse a possibilidade de escolha, se os familiares optariam por uma das turmas, houve um caso em que o entrevistado escolheria o professor homem (PAI C) e outros que disseram não fazer nenhum tipo de escolha, porque o sexo dos profissionais da educação não é o fator mais importante e sim o trabalho desenvolvido.

Ah, eu acho assim, aquele que tá na sala... que nem ele (criança) tem dois professores ele (professor) e a professora. Eu ficaria com os dois, porque cada um é uma função, né. Então não tem... Ah, eu acho que deixaria, que nem o meu (filho), como ele é homem, e ele se desenvolveu com o professor, eu escolheria o professor (MÃE B).

Professor. [...] Porque é que nem eu falei antes, né. A educação não é só educação, é o respeito. Até nas brincadeiras, ali dentro da sala com o professor é diferente. Com as professoras não, já pulam em cima do

outro, elas falam e eles não escuta.... E o professor eles (crianças) já escutam mais. (PAI C).

Hum, não tem nenhuma, assim... hum, nenhuma escolha, não. Pra mim é normal, tanto faz. [...] Se ele é homem ou não. Depende, vai depender também de cada professor, né. Se for professor, assim... paciente, né (TIA A).

Observa-se a princípio que as respostas estão relacionadas ao perfil definido pelas representações sociais relativas ao sexo feminino e masculino. A mulher sendo retratada como paciente, flexível, sem pulso firme (TIA A), já o homem possuindo autoridade, disciplina (PAI C) e o maior respeito do aluno para com o professor do que pela professora (MÃE B).

Sendo a educação infantil a primeira etapa da educação básica, a escolha dos docentes não deve ser baseada em características pessoais como calmo ou autoritário, e sim na sua atuação como um profissional (ARAÚJO; HAMMES, 2012), conforme relato do Pai A: “Na minha opinião, não tem diferença, professor e professora.” Também é importante que não haja discriminação relativa ao sexo dos professores. Baseando-se em Assis (2000), é possível afirmar que tanto docentes do gênero feminino quanto masculino, devem oferecer às crianças conhecimento, disciplina e afeto. A autora sugere que a fase da educação infantil corresponde a um período da vida em que a presença masculina é indispensável, não devendo, portanto haver somente mulheres atuando como professoras de crianças.

Os participantes da pesquisa, que convivem com essa realidade de ter os filhos ou crianças da família estudando com homens professores, foram indagados sobre os aspectos que consideram positivos e também negativos em ter professor do gênero masculino trabalhando na educação infantil. Alguns familiares assim relataram:

Olha, tipo, se ele tá trabalhando, vamos supor, com mais menina né, tem algumas coisas assim, que ele (professor) já não pode. Igual, eu sou avô dela (criança), ela tá crescendo, ela tem que conviver mais com a avó dela, com a mãe [...]. Mas eu acho que ela tem que conviver com cinco, seis anos perto de uma pessoa mulher, pra dá banho, pra pentear um cabelo... Tudo é mais difícil pro homem, é mais difícil cara! É igual um professor ficar cuidando da criança em banheiro, né? Há uma dificuldade (AVÔ A).

Eu acho que é ponto positivo, né. Acho que... Não sei, eu acho que é porque os alunos respeitam um pouco mais, né. Porque é homem e tal, né. Tem um pouco mais de respeito. Eu acredito que tá correto (PAI A).

Não tem problema porque na sala dele (criança) são só meninos. Só meninos. Então ele tá no ambiente, entendeu? Tem a convivência, as brincadeiras deles, de meninos... (TIA A).

É interessante notar que o Avô A, que cuida sozinho da própria neta, relata sobre a experiência de ter que desempenhar um tipo de função que é vista socialmente como feminina (dar banho, pentear os cabelos, etc.), entendendo que na escola também não deve ser fácil para os professores homens ter que cumprir essas mesmas funções. O aspecto positivo destacado pelo Pai A sinaliza que, na sala de aula, enquanto o sexo feminino é visto como “dominado” o sexo masculino é visto como “dominante”, por conseguir impor o respeito necessário para o bom encaminhamento das atividades educativas.

Lopes e Nascimento (2012), ao basear-se na perspectiva cultural, afirmam que existe na sociedade a divisão sexual do trabalho, em que predomina a ideia de que o correto é a mulher ser professora por dedicar maiores cuidados e carinho para com as crianças. Já o público masculino deve escolher profissões mais promissoras. Assim, os homens até podem ser professores desde que seja de meninos e, nesse caso, é visto por muitas pessoas como positivo a possibilidade de os homens professores imporem mais o respeito e a obediência.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, a Tia A ressalta como positivo o fato de a criança ser do gênero masculino e estudar em uma turma de crianças em que o professor era homem e os alunos eram todos meninos. Esse fato chamou a atenção durante a realização da pesquisa de campo, embora a instituição de educação infantil procurasse transparecer “naturalidade” em ter homem professor atuando com crianças, na prática foi constatado que na turma desse professor só havia meninos matriculados. Por isso as famílias não reclamavam e destacavam apenas os aspectos positivos.

Diante desse contexto, surgem as seguintes indagações: se é comum os meninos estudarem em turmas de professoras mulheres, por que as meninas não podem estudar com professores homens? Onde está escrito ou determinado oficialmente que as crianças do gênero feminino têm que estudar apenas com professoras mulheres? E será que professores homens não podem contribuir com a formação e aprendizagem de meninos e meninas na escola? É importante destacar que estudos desenvolvidos por Mossburg (2004) e Erden et al. (2011) ressaltam sobre a importância de ter professores

homens, para que sejam modelos positivos de masculinidade e ainda contribuir com a existência de diversidade e equidade de gênero na educação.

Outros familiares, que têm experiência em ter crianças de educação infantil estudando com professores homens, assim relataram sobre os aspectos positivos e negativos:

Não, eu não tenho ponto negativo não. Ponto positivo eu tenho, porque eu sei lá, eu sei lá, eu sempre gostei assim, né, do ensinamento do professor, né. Eu acho que a criança desenvolve mais né, com a professora também, mas eu acho que teria que ter mais professor sim [...] Que nem aqui mesmo, eu, eu quando deixo meu filho aqui, eu tenho segurança, né. Eu não me preocupo no meu trabalho, então eu acredito no trabalho do professor. (MÃE B).

Desse lado dele ser masculino, nada haver, não tenho nenhuma reclamação. Assim pra mim eu acho que o ensino é normal, o tratamento é normal, o as crianças tem que seguir uma disciplina tanto com o feminino quanto o masculino. Porque eles (crianças) precisam ter aquela noção que os mais velhos têm que mandar e eles têm que obedecer, tem que seguir as orientações (MÃE C).

Não... Eu vejo ponto negativo. Acho que é bom, né. Bom, né. Novidade praticamente, né. (PAI B).

Nota-se, pelas respostas dos familiares, que os professores homens transmitem segurança na educação infantil (MÃE B), e demonstram disciplina onde tanto o feminino quanto o masculino devem seguir, não importando o gênero e sim sua conduta profissional (MÃE C). Sendo quase uma novidade, uma inovação no mercado de trabalho, onde a presença masculina é cada vez mais escassa (PAI B). Observa-se assim que em geral os familiares destacam mais situações favoráveis em ter professores homens trabalhando com crianças e que eles não têm se deparado com muitos problemas, ao vivenciar essa realidade que é pouco comum nas instituições de educação infantil de Mato Grosso do Sul.

## CONCLUSÃO

Diante da pesquisa realizada com familiares de crianças que estudavam com professores homens na educação infantil, em que se buscou investigar as representações sociais dos participantes sobre o trabalho realizado por docentes do gênero masculino com as crianças, constata-se que essa realidade não resultava em grandes problemas

para a escola e que em geral o trabalho realizado por professores homens é avaliado como positivo.

As representações sociais predominantes, evidenciadas por meio dos relatos dos familiares, são de que as mulheres têm maiores habilidades para trabalhar com as crianças pequenas, principalmente com as meninas, e de que os homens professores impõem mais respeito, tanto pelo seu estilo de voz, quanto pela sua postura firme e impositiva.

Para muitos dos entrevistados, o gênero não é o fator mais importante e sim a formação e trabalho realizado pelos docentes, sejam homens ou mulheres. Porém, entre as atividades realizadas na educação infantil, não é bem visto pelos entrevistados o fato de o professor homem ter que dar banho ou trocar as crianças, principalmente se for meninas. Tanto que em um dos municípios investigados, a turma do professor homem era composta apenas por meninos e essa segregação era vista como “natural” e avaliada como positiva por alguns familiares.

Percebe-se que na Educação Infantil ocorre o preconceito e o medo quando se tem a presença masculina na sala de aula e o mesmo não acontece quando há a presença feminina, pelo contrário, o conforto, a confiança de alguns pais é nítido o que torna cada vez mais difícil a inserção do professor na educação infantil. Contudo, o acesso de docentes do gênero masculino no ensino fundamental e médio é bem mais acolhido e aceito pela sociedade na atualidade.

É importante ressaltar que tanto homens como mulheres atuantes na educação infantil passaram por um processo de formação profissional, se aperfeiçoaram para poder trabalhar com crianças. Por isso, homens e mulheres têm muito a contribuir, de forma igualitária e sem distinção de gênero, para a formação das novas gerações.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. A. C. Pesquisa em educação: a superação do dualismo quantidade-qualidade. **An. Sciencult**. Paranaíba, v.1, n.1, 2009, p. 379-388.

ARAÚJO, M. P.; HAMMES, C. C.. A androfobia na educação infantil. **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v.3, n.7, 2012, p.5-20.

**Pesquisa em Foco, São Luís, vol. 20, n. 2, p. 136-154. 2015. ISSN: 2176-0136.**

ASSIS, R. A educação infantil dá retorno. **Nova Escola**. São Paulo: n. 32, mai. 2000  
Entrevista concedida a Denise Pellegrini. Disponível em  
<<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/educacao-infantil-retorno-419438.shtml>>. Acesso em 30 jul. 2015.

AYACHE, C. B. D. **O binômio cuidar e educar no currículo da creche: o caso do Centro Andrea Pace de Oliveira**. 2006. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco. Programa de Pós-Graduação em Educação. Campo Grande-MS, 2006.

BELEI, R. A.; GIMENIZ-PASCOAL, S. R.; NASCIMENTO, E. N.; MATSUMOTO, P. H. V. R. O. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação Ufpel**. Pelotas, v. 30, n. 1, jan./jun. 2008, p. 187-199.

ERDEN, S.; OZGUN, O.; CIFTCI, M. A. “I am a man, but I am a pre-school teacher”: Self- and social-perception of male pre-school teachers. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v. 15, 2011, p. 3199-3294. Disponível em:  
<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042811008172>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

GONÇALVES, J. P. Representações Sociais de Homens Professores Sobre o Trabalho Educativo Desenvolvido com Crianças. **Teoria e Prática da Educação**, v. 13, n. 3, p. 45-52, set./dez. 2010.

GONÇALVES, J. P.; ANTUNES, J. B. Memórias de professores homens que trabalharam como docentes de educação infantil e suas representações sociais. **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v.6, n.16, p.134-153, 2015.

GONÇALVES, J. P.; FARIA, A. H. O que dizem as famílias sobre homens professores trabalhando com crianças de 0 a 3 anos? Análise de suas representações sociais. In.: FERREIRA, G. B (Org.) **Pesquisa(s) em educação: múltiplos olhares**. Curitiba, PR. CRV, 2014.

GONÇALVES, J. P.; FARIA, A. H.; BEZERRA, F. C.; OLIVEIRA, L. A.; REIS, M. G. F. A. O trabalho de homens professores com crianças de educação infantil: as representações sociais dos gestores escolares. **Itinerarius Reflectionis**. Jataí GO, v. 11, n. 1, p. 1-19, 2015.

JODELET, D. Representaciones sociales: contribución a un saber sociocultural sin fronteras. In: JODELET, D.; GUERRERO TAPIA, A. (Org.). **Develando la cultura. Estudios en Representaciones sociales**. México: UNAM, 2011.

LOPES, Z. A.; NASCIMENTO, C. C. G. A inserção do professor na educação infantil: um estudo sobre as relações de gênero. Congresso Internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero ABEH, 4., **Anais...** Salvador: UFBA, 2012, p. 1-15. Disponível em: <[http://abeh.org.br/arquivos\\_anais/Z/Z001.pdf](http://abeh.org.br/arquivos_anais/Z/Z001.pdf)> Acesso em: 10 ago. 2015.

LOURO. G. L. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE. M. D.; PINSK. B. C. (Orgs.). **Historia das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p.441-481, 2012.

MONTEIRO, M. K.; ALTMAN, H. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil. 36ª Reunião Nacional da ANPEd. Goiânia 2013. Reunião Nacional da ANPEd. 36., **Anais...** Goiânia: ANPEd, 2013. Disponível em <[http://36reuniao.anped.org.br/pdfs\\_trabalhos\\_aprovados/gt23\\_trabalhos\\_pdfs/gt23\\_2689\\_texto.pdf](http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_2689_texto.pdf)>. Acesso em 10 ago. 2015.

MONTEIRO, M. K.; ALTAMANN, H. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 44, n. 153, p. 720-741, Set. 2014 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742014000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000300012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 Aug. 2015.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOSSBURG, Marc W. **Male early childhood teachers: shaping their professional identity**. 2004. Tese (Doutorado) – Arizona State University (EUA), 2004.

RABELO, A. O. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 4, out./dez. p. 907-925, 2013.

SARMENTO, Teresa. Correr o risco: ser homem numa profissão „naturalmente“ feminina. In: Vº Congresso Português de Sociologia: sociedades contemporâneas: reflexividade e ação. **Anais do Vº Congresso Português de Sociologia**. Braga, Portugal, p. 99-107, 2002.

TIRIBA, L. Educar e cuidar ou, simplesmente, educar? Buscando a teoria para compreender discursos e práticas. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-

**Pesquisa em Foco, São Luís, vol. 20, n. 2, p. 136-154. 2015. ISSN: 2176-0136.**

graduação e Pesquisa em Educação. 28., **Anais...** Goiânia: ANPEd, 2005. Disponível em: <[www.anped.org.br/28/textos/gt07](http://www.anped.org.br/28/textos/gt07)> Acesso em 13 nov. 2014.